

Os Alunos Deveriam ser Recompensados pela Aprendizagem?

Durante anos, educadores e psicólogos têm debatido se os alunos deveriam ser recompensados pelo trabalho escolar e realizações acadêmicas. Como exemplo recente, Judy Cameron e W. David Pierce (1996) publicaram um artigo sobre reforço no *Review of Educational Research* que precipitou extensivas críticas e refutações no mesmo jornal da parte de Mark Lepper, Mark Keavney, Michael Drake, Alfie Kohn, Richard Ryan e Edward Deci. Anteriormente, Paul Chance e Alfie Kohn tinham trocado opiniões em diversos números do *Phi Delta Kappan*: Kohn, A. (março de 1991) “*Caring kids: The role of the schools*” (“Cuidando de crianças: O papel das escolas”); Chance, P. (junho de 1991) “*Backtalk: A gross injustice*” (Resposta insolente: Uma flagrante injustiça”); Chance, P. (novembro de 1992) “*The rewards of learning*” (As recompensas da aprendizagem); Kohn, A. (junho de 1993) “*Rewards versus learning: A response to Paul Chance*” (Recompensas versus aprendizagem: Uma resposta a Paul Chance”); Chance, P. (junho de 1993) “*Sticking up for rewards*” (Em defesa das recompensas”). Quais são os argumentos?

PONTO Os alunos são punidos por recompensas.

Alfie Kohn (1993) argumenta que “o behaviorismo aplicado que equivale a dizer, ‘faça isto e você terá aquilo’, é essencialmente uma técnica para controlar pessoas. Na sala de aula ele é uma forma de fazer coisas para as crianças em vez de trabalhar com elas” (p. 784). Kohn continua afirmando que as recompensas são inefetivas porque, quando o elogio e os prêmios cessam, os comportamentos também cessam. “As recompensas (como as punições) podem forçar pessoas a fazerem o que queremos: aplicar-se com afinco, compartilhar um brinquedo, ler um livro... Mas raramente produ-

zem efeitos que sobrevivem a elas próprias... Elas não criam um compromisso duradouro com um conjunto de valores ou com a aprendizagem; elas simples e temporariamente mudam o que fazemos” (p. 784).

O problema com as recompensas não pára aqui. De acordo com Kohn, recompensar alunos pela aprendizagem na verdade os torna menos interessados no material:

Tudo isto significa que fazer as crianças pensarem sobre aprendizagem como uma forma de receber um adesivo, uma estrela dourada ou uma nota – ou mesmo pior, ganhar dinheiro ou um brinquedo *por uma nota*, o que equivale a dizer um motivador extrínseco por um motivador intrínseco – é provavelmente transformar a aprendizagem de um fim em um meio. Aprender se torna algo que deve ser atravessado a fim de receber a recompensa. Tomemos o depressivamente invasivo programa pelo qual as crianças recebem cauteladas para pizzas quando tiverem lido um certo número de livros. John Nicholls, da Universidade de Illinois, comenta, caçoando, que a provável consequência deste programa é “um monte de garotos gordos que não gostam de ler”. (p. 785)

CONTRAPONTO Aprender deveria ser recompensador.

De acordo com Paul Chance (1993):

Os psicólogos do comportamento, em particular, enfatizam que aprendemos agindo sobre nosso ambiente. Conforme colocou B. F. Skinner: “[As pessoas] agem sobre o mundo e o modificam, e, por sua vez, são modificadas pelas consequências de suas ações.” Skinner, ao contrário de Kohn, entendia que as pessoas aprendem melhor em um ambiente responsivo. Os professores que elogiam ou de outro modo recompensam o desempenho do aluno fornecem esse tipo de ambiente... Se é imoral deixar os alunos saberem que responderam às perguntas corretamente, dar um tapinha nas costas de um aluno por um bom esforço, demonstrar alegria por um aluno ter entendido um conceito, ou reconhecer o al-

cance de um objetivo, concedendo uma estrela dourada ou uma cautela – se isso é imoral, então me considero um pecador. (p. 788)

As recompensas destroem os interesses? Em sua revisão de pesquisa, Cameron e Pierce concluíram: “Quando recompensas palpáveis (p.ex., estrela dourada, dinheiro) são oferecidas, dependendo do desempenho de uma tarefa [não apenas da participação] ou são dadas inesperadamente, a motivação intrínseca é mantida” (p. 49). Mesmo psicólogos como Edward Deci e Mark Lepper, que sugerem que as recompensas poderiam destruir a motivação intrínseca, concordam que elas também podem ser usadas positivamente. Quando as recompensas dão aos alunos informações sobre seu crescente domínio de uma matéria ou quando as recompensas demonstram apreciação por um trabalho bem-feito, então elas trazem confiança e tornam a tarefa mais interessante para os alunos, em especial para aqueles que inicialmente carecem de capacidade ou interesse pela tarefa. Nada é mais bem-sucedido do que o sucesso. Se os alunos dominam a leitura ou a matemática com o apoio de recompensas, eles não esquecerão o que aprenderam quando o elogio cessar. Eles teriam aprendido sem as recompensas? Alguns teriam, mas alguns poderiam não aprender. Você continuaria trabalhando para uma empresa que não o pagasse, mesmo que você gostasse do trabalho? O escritor *free-lance* Alfie Kohn, no caso, perderá o interesse em escrever porque recebe pagamentos e direitos autorais?

Fonte: De Paul Chance. “Em defesa das recompensas.” *Phi Delta Kappan*, junho de 1993, p. 787-790. Copyright 1993 por Phi Delta Kappan. Reimpresso com permissão de *Phi Delta Kappan* e do autor. De Alfie Kohn. “Recompensas versus aprendizagem: Uma resposta a Paul Chance.” *Phi Delta Kappan*, junho de 1993, p. 784 e 785. Copyright © 1993 por Alfie Kohn. Reimpresso com permissão de Phi Delta Kappan e do autor.